

TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEURODIVERGENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICA DE MANAUS/AM

Maria Clara Araújo Moraes¹
Denilson Diniz Pereira²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever a trajetória de uma mulher neurodivergente em uma instituição pública de ensino superior em Manaus/AM. Adotando uma abordagem qualitativa (Esteban, 2010) e configurando-se como um estudo de caso (André, 2008), a investigação foi conduzida no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), localizada em Manaus-AM. Os participantes da pesquisa incluem uma acadêmica com laudo de TDAH/Autismo, além de acadêmicos e professores do curso de Pedagogia da UFAM. É fundamental reconhecer a complexidade do contexto que envolve as mulheres neurodivergentes no ensino superior, inseridas em uma sociedade pautada por padrões historicamente estabelecidos, diversos grupos - entre eles os neurodivergentes - tiveram seus direitos sistematicamente negados, o que demandou lutas constantes pelo reconhecimento de sua existência e dignidade enquanto cidadãos. Nessa perspectiva, observa-se que o autismo é amplamente debatido no campo educacional, uma vez que envolve características comportamentais e sociais que influenciam diretamente a vivência acadêmica. Diante dos aspectos discutidos, evidencia-se que ser uma mulher neurodivergente no ensino superior impõe desafios significativos. No entanto, enquanto graduanda do curso de Pedagogia, reafirmo o compromisso com a defesa do acesso e da permanência de pessoas neurodivergentes no ensino superior, especialmente em instituições públicas federais na cidade de Manaus/AM.

Palavras-chave: Neurodivergente. Mulher, Ensino Superior, Acessibilidade Acadêmica

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM
maria.clara1192@gmail.com;

²Pós Dr. em Educação, Professor e Orientador da Universidade Federal do Amazonas - UFAM
denilsondiniz@ufam.edu.br



INTRODUÇÃO

Antes de dar início a esta pesquisa, gostaríamos de enfatizar que estamos ciente do terreno escorregadio que cerca as mulheres neurodivergentes, parece-nos absurdo abolir qualquer referência relacionado o que se deseja enquanto identidade, assim o objetivo da pesquisa é de descrever a trajetória de uma mulher neurodivergente em uma IES pública de Manaus/Am.

À sombra de padrões sociais historicamente definidos, diversos grupos de pessoas tiveram seus direitos negados, necessitando lutar arduamente pelo reconhecimento de sua existência e pela sua dignidade como cidadãos. Um exemplo disso é o caso mulheres com TDAH/Autismo, que almejam acesso, permanência e participação em diversos âmbitos sociais, como o campo educacional enquanto futura professora.

A inclusão é uma perspectiva que defende o acesso de todos aos direitos conquistados historicamente, em condições favoráveis, em todas as dimensões da vida social. Na educação, a proposta inclusiva requer um processo amplo de mudanças nas IES, que garanta condições estruturais para promover democraticamente a participação e a permanência de todos os estudantes, respeitando as suas singularidades e promovendo o seu desenvolvimento social e acadêmico. Nesse sentido, cabe perguntar quais os papéis que a educação desempenhou para a manutenção de estruturas excludentes e como o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas pode se transformar em um espaço de inclusão, defesa e garantia de direitos para pessoas com deficiência.

Deve-se ressaltar que os estudos sobre a inclusão no Ensino Superior ainda são recentes e insipientes (Castro; Almeida, 2014), pois, à medida que “os níveis de escolarização se elevam, as discussões e as práticas educacionais voltadas à inclusão se tornam escassas” (Ferrari; Sekkel, 2007, p. 642). Esta situação revela carência de reflexões, estudos e estatísticas, o que acaba por dificultar a criação de políticas públicas que contemplem ações que beneficiem esse grupo de estudantes (Duarte et. al., 2013).

Reconhecer a igualdade que une os seres humanos em meio às suas diferenças será um passo primordial para que um tratamento com equidade seja dispensado a todos os indivíduos. Trazer esse panorama para o campo do Ensino Superior precisa ser um compromisso assumido por todos, atravessando a produção científica, assim como a luta política coletiva.



METODOLOGIA

A pesquisa assume uma abordagem qualitativa por compreender que o tema pesquisado é dinâmico, assim a melhor forma para compreendê-lo é manter contato direto com o objeto pesquisado (Esteban, 2010), constituindo-se em um estudo de caso (André, 2008). O campo de pesquisa selecionado foi o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação - FAGED da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, na cidade de Manaus-AM. Os participantes envolvidos nessa pesquisa são, uma acadêmica com laudo de TDAH/Autismo, acadêmicos e professores do curso de Pedagogia da UFAM.

Os instrumentos selecionados para a produção de informações foram a observação de diversos momentos de interação da acadêmica com os participantes da pesquisa e outros indivíduos (tanto em sala de aula, quanto fora dela) e a análise do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas.

A presente análise foi norteada pela peculiaridade da acadêmica acerca dos temas elencados e, então, enredada com os pontos de vista dos alunos e dos professores, juntamente com as informações que serão produzidas pelas observações. Ou seja, os pontos de vista da discente acerca dos assuntos abordados se constituíram o eixo central da análise, em torno do qual giraram as falas dos demais participantes, em diálogo com as contribuições teóricas da área. Essa forma de análise foi assim definida por se entender a aluna como sujeito pensante de sua própria educação e por ser esta pesquisa construída a partir da sua perspectiva enquanto mulher com TDAH/Autismo

Todos os participantes que decidiram contribuir com a pesquisa espontaneamente, após esclarecimentos sobre o objetivo e processo da investigação, conforme as normatizações éticas vigentes. Haverá a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

REFERENCIAL TEÓRICO

Já há algum tempo que o termo inclusão tem sido discutido no âmbito da educação em todo o País. As instituições de ensino, de modo geral, não estão preparadas para acolher o que foge à norma, principalmente, no que diz respeito aos parâmetros estabelecidos, o resultado disso é a evasão destes espaços, o que nos conduz a uma reflexão sobre os desafios para permanência de pessoa com deficiência na universidade.



No entanto, quando se trata de pesquisa científica, não basta haver somente crescimento quantitativo, é necessário o acompanhamento de avanço qualitativo.

De acordo com Omote (1984,),

[...] há hoje um farto volume de publicações em periódicos e anais de eventos tratando de uma ampla diversidade de problemas que vêm a propósito na compreensão e equacionamento de questões implicadas na Educação Inclusiva e de seus correlatos. Para um avanço qualitativo expressivo pode estar faltando uma ampla revisão e sistematização dos resultados encontrados, e principalmente um vigoroso esforço para uma análise crítica e incorporação desses achados no corpo de conhecimentos já existente para a construção de referenciais teóricos sólidos [...] (Omote, 1984, p. 21)

Segundo Gomes e Teran (2014), o termo autismo ele foi cunhado por Leo Kanner, inspirado no trabalho de Eugen Bleuler, que, em 1911, usou "autismo" para descrever o afastamento do mundo exterior que observou em pacientes com esquizofrenia. A palavra vem do grego "autos", que significa "a si mesmo". Isso me fez refletir sobre como, por muito tempo, vivi mergulhada no meu próprio mundo, sem saber que isso fazia parte do meu jeito de ser.

Autismo é frequentemente discutido no campo da educação pois, compartilha características comportamentais e sociais. No entanto a principal distinção reside na presença de atrasos significados da linguagem e desenvolvimento cognitivo.

Essa contextualização é particularmente relevante ao se considerar a trajetória de uma mulher com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Autismo no ensino superior público em Manaus. O ambiente acadêmico, que exige habilidades sociais e de comunicação, pode representar um desafio significativo para indivíduos no espectro autista. Para essa mulher, a convivência em um espaço onde a interação social é constante pode acentuar as dificuldades relacionadas à comunicação e à adaptação social, mesmo que suas habilidades cognitivas sejam intactas.

Além disso, o TDAH pode complicar ainda mais essa trajetória, uma vez que as características desse transtorno, como a desatenção e a impulsividade, podem interferir na capacidade de concentração e no desempenho acadêmico. Assim, sua experiência no



ensino superior pode ser marcada por um constante esforço para equilibrar suas capacidades cognitivas com as demandas sociais e acadêmicas do ambiente universitário.

A superação desses desafios pode depender de estratégias de apoio, incluindo tutoria, adaptações curriculares e um ambiente acolhedor que compreenda as particularidades de sua condição. A trajetória dessa mulher não apenas ilumina a complexidade das experiências de pessoas com autismo e TDAH no contexto educacional, mas também ressalta a importância de um sistema educacional inclusivo que valorize a diversidade e promova oportunidades equitativas para todos os estudantes.

A inclusão é um princípio essencial que visa garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas características pessoais, limitações ou deficiências, tenham acesso igualitário aos direitos e oportunidades. Essa perspectiva é particularmente relevante no contexto educacional, onde a educação inclusiva se torna uma ferramenta poderosa para promover a equidade e a justiça social.

Ao considerar a inclusão como um valor central, reconhece-se que a diversidade é uma riqueza para a sociedade. Cada pessoa traz consigo experiências, habilidades e perspectivas únicas, que, se integradas de maneira adequada, podem enriquecer o ambiente educacional e social. A educação inclusiva não apenas beneficia os alunos com deficiências, mas também promove um senso de empatia e respeito entre todos os estudantes, preparando-os para viver e trabalhar em uma sociedade plural.

A construção de uma sociedade verdadeiramente cidadã depende do reconhecimento de que todos têm o direito de participar ativamente da vida comunitária. Isso implica não apenas em garantir o acesso à educação, mas também em adaptar os métodos e conteúdos de ensino de forma a atender às necessidades de todos os alunos. A inclusão educacional, portanto, é um passo fundamental para a construção de um mundo mais democrático, onde a igualdade de direitos é uma realidade e não apenas um ideal.

Assim, a visão de inclusão proposta por Benute (2020) destaca a importância de se trabalhar continuamente para eliminar barreiras e preconceitos, promovendo uma sociedade que valoriza a diversidade e assegura que todos possam exercer seus direitos e participar plenamente da vida social. A educação, nesse contexto, torna-se uma alavanca para mudanças sociais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e engajados na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.



Em suma, o TDAH é um transtorno complexo que exige um olhar atento e compreensivo. O reconhecimento de suas características e impactos pode facilitar a implementação de estratégias que promovam o bem-estar e o desenvolvimento pleno



dos indivíduos afetados, ajudando-os a navegar por desafios e a alcançar seu potencial máximo.

Segundo Benczik e Rohde, (1999):

Além disso, as escolas, especialmente as públicas, com frequência não dispõe de ambiente adequado para estes jovens. Em outras situações, a proposta de ensino da escola deixa pouco espaço para a implementação de qualquer estratégia nova e mais flexível (Benczik e Rohde, 1999, p. 84)

O sucesso em sala de aula é um objetivo almejado por educadores e instituições de ensino, mas sua concretização envolve desafios significativos, especialmente em turmas numerosas e heterogêneas. Segundo Cypel (2003), o êxito educacional frequentemente requer uma série de intervenções individualizadas, que visam atender às necessidades diversas dos alunos. Essas intervenções podem incluir adaptações pedagógicas, estratégias de ensino diferenciadas e um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento de cada estudante.

Além disso, muitos professores não recebem formação específica para lidar com essa diversidade de demandas dentro da sala de aula. A formação inicial docente, em muitos casos, não contempla de maneira suficiente o desenvolvimento de habilidades para a implementação de intervenções eficazes, deixando os profissionais pouco preparados para enfrentar situações que exigem ações específicas e personalizadas. Como resultado, os alunos que precisam de atenção especial ou de intervenções educativas diferenciadas acabam ficando sem o suporte necessário, o que pode comprometer o aprendizado e o desenvolvimento desses estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para chegar ao nível de pensamento que estou hoje tive que passar por provas como qualquer outro ser humano. Falar de mim nunca foi fácil e antes tinha menos de pronunciar minha história para as pessoas pois, nem eu mesmo me aceitava devido a ignorância, prepotência e o preconceito que muitos possuem não facilitava e até hoje não facilita, a diferença do presente para o passado é o modus operandi de agir.



Assim tive que fazer diariamente o exercício de olhar para frente as coisas e aceitar-me, pois, vi a necessidade de não permanecer no passado, assim como romantizar o TDAH e nem o Autismo.

Apesar da separação dos meus pais, minha infância foi maravilhosa. Hoje, nossa relação é pacífica e amorosa, mas antes enfrentamos dificuldades de comunicação. Meu diagnóstico foi descoberto pré-escola e logo fui medicada com remédios de taxa preta começando aos quatro anos de idade, que época não era muito conhecido, complicou ainda mais as coisas, especialmente porque meus pais vieram de uma educação tradicional, principalmente a minha mãe, mas hoje posso chamar de minha melhor amiga.

Já com a minha mãe, mesmo vindo de uma educação tradicional, sempre tentou me entender, ocasionando uma relação saudável, conduzindo-me a ser minha parceira pois, ela sempre foi o meu porto seguro.

Embora meu pai tentasse se expressar em relação a minha situação, eu sentia muito isso na época da minha adolescência que ele não conseguia ter a comunicação mais aberta, por ele me ver sempre “como imagem de princesinha, filhinha do papai, minha criança” como qualquer outro pai que ama a sua filha com muito amor, porém sentia que pela dificuldade de comunicação me passava uma insegurança de me abrir sobre esse assunto em relação ao TDAH. Mesmo ele tendo essa complicação, ele apoiava no quesito de compras os remédios, sempre estava presente para me ajuda nas minhas coisas diárias e na escola, pagando o meu reforço domiciliar e minhas terapias.

Quando eu tinha entre 6 e 9 anos, passei por várias escolas até encontrar uma adequada para mim. Devido ao meu diagnóstico de TDAH, muitas escolas não tinham a estrutura necessária para me apoiar. Faltavam provas especializadas, paciência dos professores e uma abordagem pedagógica adequada. Isso resultou em constantes mudanças de escola, o que foi difícil para mim e meus pais.

Em 2011, encontrei a escola Idaam, onde fiquei até o terceiro ano do ensino médio. Apesar de enfrentar bullying e rejeições, a escola sempre me apoiou com provas especializadas, classes separadas e monitoria. Foi um período desafiador, mas a escola me proporcionou o suporte necessário para meu desenvolvimento

Durante minha adolescência, experimentei uma vida social bastante limitada. Na verdade, a socialização nunca foi um aspecto presente na minha rotina. Eu me sentia extremamente antissocial e, muitas vezes, não conseguia entender o motivo disso. Havia uma revolta constante dentro de mim; enquanto outras pessoas saíam para o shopping,



iam ao cinema ou participavam de festinhas, eu me afastava dessas atividades. Não era por falta de condições financeiras, mas sim pela demanda de atividades que escola exigia de mim e a minha dificuldade interpessoal que me levava a preferir ficar em casa.

Essa resistência estava ligada a um sentimento de que eu nunca seria aceita. A ideia de me expor em um ambiente social gerava um medo profundo, e eu preferia me enclausurar em meu próprio espaço, alimentando essa revolta contra o mundo ao meu redor. Essa dificuldade de aceitação e de conexão com os outros me fez sentir como se estivesse presa em um ciclo de isolamento.

Recentemente em 2022, descobri que sou autista, o que ajudou a explicar muitas dessas experiências. A compreensão da minha condição trouxe clareza sobre as semelhanças e situações que vivenciei, e que ainda enfrento hoje. Me vejo como uma sobrevivente, lidando com as complexidades da minha identidade e das interações sociais.

Além disso, sempre tive a sensação de que, se eu falasse sobre minhas dificuldades, estaria me vitimizando. Essa ideia me impediu de compartilhar meus sentimentos e realidades com os outros, como se justificar pela minha condição fosse uma maneira de me colocar em uma posição de fraqueza. Por muito tempo, pensei que, ao mencionar meu TDAH ou autismo, estaria apenas reforçando um estigma, em vez de buscar compreensão e empatia. Essa luta interna foi um dos principais desafios durante minha adolescência, moldando a maneira como interagi com o mundo ao meu redor.

A pressão que exerço sobre mim mesma não é recente; é uma constante na minha vida há anos. Não posso negar que sou privilegiada por ter recebido tratamento desde cedo. Quando fui diagnosticada com TDAH, aos quatro anos, a condição não era tão conhecida, e não havia uma legislação clara que garantisse meus direitos.

A equipe pedagógica, assim como a coordenação, estava sempre disposta a adaptar os métodos de ensino às minhas necessidades. Eles se certificavam de que eu tivesse um ambiente propício para o aprendizado, ajustando as provas e reduzindo a quantidade de questões quando necessário. Embora eu me sentisse deslocada em alguns momentos, a maioria das vezes recebi o apoio adequado, o que me ajudou a superar as dificuldades.

Devido a essas dificuldades de aprendizagem e falta de foco, eu tinha uma autoestima bastante baixa em relação à possibilidade de ingressar em uma universidade. Minhas notas eram frequentemente insatisfatórias, o que me deixava frustrada,



especialmente porque meus pais investem em aulas de reforço particulares que duravam cerca de três horas. A quantidade de informações era tanta que eu não conseguia absorver tudo a tempo para as provas. Essa frustração se manifestava em várias áreas da minha vida, incluindo meu desenvolvimento pessoal, e eu lutava para aceitar minha situação, sentindo dificuldade em me abrir com meus pais, além de me sentir isolada em muitos momentos.

Sentia-me isolada e sempre desejei na escola, no período fazer parte dos grupos e assim ter a certeza do aceite e não do bullying que vivi diariamente em minha adolescência, mesmo que em muitos momentos eu não conseguia entender-me, com o tempo pude transportar-me e assim adquirir maturidade e paz com poucos amigos.

Tive que aceitar até mesmo os apelidos pejorativos tais como "louca, maluca, piolhenta, rainha da escova, barata tonta" e outros nomes que eram inventados pela turma, além de não permitirem fazer parte de trabalhos em grupos, o que gerava revolta e inquietações.

Mesmo não me aceitando, além de não ser aceita nos grupos de trabalho da escola o que não facilitava o convívio diário que era obrigada a aguentar. Isso ocasionava o comparecimento de meus pais quase que diário, entre tantas causas posso citar: notas e brigas, visto que era chacota da minha turma e entre outros mais.

Meu pai veio a óbito na pandemia de Covid e em 2022 passei no vestibular da UFAM para o curso de Pedagogia, o fato de ter conseguido a tão sonhada vaga e concorrendo com ampla concorrência, fez sentir vitoriosa e retornar a terapia com a psicóloga e a psiquiatra, pois, até hoje me ajudam a seguir neste caminho fantástico que é o ensino superior.

Durante o primeiro ano na faculdade tive que criar um personagem de moda a ser aceita nos grupos, visto que me inferiorizava bastante e não observava as minhas superações, a sociedade nos faz ser cruel quando não somos compreendidos.

Lembro-me que no primeiro grupo, não me senti incluída pois, não conseguia me expressar de uma forma clara e sucinta, parecia que existiam a " Maria Clara Normal " e a " Maria Clara TDAH " em um corpo.

No segundo ano de faculdade enfrentei uma confusão relacionado a minha identidade pessoal junto com minha crise ansiedade e o meu interior do TDAH querendo me quebrar de dentro para fora visto que não conseguia expressar meus sentimentos



Com o tempo, comecei a entender que a aceitação começa de dentro. A jornada para a autoaceitação é longa e muitas vezes dolorosa, mas é essencial. O reconhecimento das minhas próprias necessidades e limitações, assim como a busca por um tratamento adequado, são passos importantes para transformar a minha relação com o TDAH e consigo mesma. Essa evolução é um testemunho da minha força e resiliência, mostrando que, apesar dos desafios, é possível encontrar um caminho que respeite minha individualidade e promova meu bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados nessa pesquisa, vimos que não é fácil lidar ao combate da luta diária da trajetória de uma mulher com TDAH/AUTISMO na sociedade que vivemos.

Ao refletir sobre minha trajetória como mulher com TDAH e autismo, percebo o quanto cada desafio enfrentado foi uma oportunidade de crescimento e aprendizado. Desde a dificuldade em manter a concentração nas aulas até a luta para ser compreendida por professores e colegas, cada obstáculo me ensinou a ser mais resiliente e a buscar estratégias que funcionassem para mim.

A jornada não foi fácil, mas cada pequena vitória, como passar em uma prova difícil ou concluir um projeto, foi um lembrete do meu potencial e da minha capacidade de superar adversidades. Hoje, ao olhar para trás, vejo que minha persistência e determinação me trouxeram até aqui. Espero que minha história inspire outras mulheres a acreditarem em si mesmas e a nunca desistirem, independentemente dos desafios que enfrentem. Acredito que, juntos, podemos construir um ambiente acadêmico mais inclusivo e acolhedor para todos.

Historicamente, muitos grupos tiveram seus direitos negados e precisaram lutar intensamente pelo reconhecimento e dignidade como cidadãos. Mulheres com TDAH/Autismo são um exemplo disso, buscando acesso, permanência e participação em diversos setores sociais, incluindo a educação.

A inclusão defende o acesso universal aos direitos conquistados, em condições favoráveis, em todas as dimensões da vida social. Na educação, isso exige mudanças significativas nas instituições de ensino para garantir a participação e permanência de todos os estudantes, respeitando suas singularidades e promovendo seu desenvolvimento social



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3^a ed. Brasília: Liber Livro, 2008.
- BENCZIK, Edyleine B. P. e ROHDE, Luís Augusto P. **Transtorno de déficit de atenção: hiperatividade, o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BENUTE, Gláucia Rosana Guerra (Org.). **Transtorno do espectro autista (TEA): desafios da inclusão**. Volume 2. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2020 - (Coleção Ensaios sobre acessibilidade). 50 p. Vários autores.
- CASTRO, S. F. de; ALMEIDA, M. A. **Ingresso e Permanência de Alunos com Deficiência em Universidades Públicas Brasileiras**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 2, p. 179-194, abr.-jun., 2014.
- CYPEL, Saul. **A criança com déficit de atenção/hiperatividade**. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2003
- DUARTE, E. R. et al. **Estudo de Caso Sobre a Inclusão de Alunos com Deficiência no Ensino Superior**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 19, n.2, p. 289-300, abr.-jun., 2013.
- ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FERRARI, M. A. L. D.; SEKKEL, M. C. **Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio**. Psicologia Ciência E Profissão, 2007, 27 (4), 636-647.
- GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo**. 1.ed. Editora Grupo Cultural, 2014.
- NOBRE, João Paulo dos Santos. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Educação Musical: Três Estudos no Programa Cordas da Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) –Programa de Pós-Graduação – Universidade Federal do Pará, Belém/Pará, 2011.
- OMOTE, S. **Estereótipos de Estudantes Universitários em Relação a Diferentes Categorias de Pessoas Deficientes**. 1984. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

